

## MORGAN E ENGELS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A COINCIDÊNCIA ENTRE AS NOÇÕES DE EVOLUÇÃO E DE PROGRESSO

*Flavia do Bonsucesso Teixeira* \*  
*Gilson Goulart Carrijo* \*\*

### RESUMO

A proposta deste artigo é demonstrar como as noções de evolução e de progresso estão entrelaçadas e influenciaram os textos de Lewis Morgan – *A Sociedade Primitiva* – e F. Engels – *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* –, discussão esta alinhavada pelo texto de Jean Condorcet – *O Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano*. A escolha desse trabalho de Condorcet, para balizar o debate, se justifica por sua convicção de que são os progressos do espírito humano que fornecem o fio condutor da história, crença essa, que acreditamos ser compartilhada nos textos por Morgan e Engels.

**PALAVRAS-CHAVE:** evolução, progresso, antropologia, história.

### ABSTRACT

This article intends to demonstrate how the notions of evolution and progress are interlaced and how they influenced writings of Lewis Morgan – *The Primitive Society*– and of F. Engels – *The Origin of The Family, The Private Propriety and The State*. To mediate the discussion *The Sketch of the historical square of the progress of the human spirit*, by Jean Condorcet, has been chosen, since he maintains that the progress of the human spirit provides history's leitmotiv. According to our standpoint, this is a belief present in Morgan and Engels's writings.

---

\* Professora da Universidade Federal do Paraná, doutoranda em Ciências Sociais pela UNICAMP. Membro do NEPHISPO/UFU.

\*\* Professor da Universidade Federal de Uberlândia, membro do NEPHISPO/UFU. Professor do Curso de Cinema do Centro Universitário do Triângulo

**KEYWORDS:** evolution, progress, history.

### Introdução

A noção de progresso, bastante familiar aos pensadores do século XVIII, é desenvolvida por Jean Condorcet<sup>1</sup> a partir de duas idéias centrais: a certeza de que o homem é um ser que caminha em direção a uma perfeição e a possibilidade de identificar esse aperfeiçoamento através dos processos históricos, o que permite não apenas estabelecer uma linha evolutiva, mas também uma projeção em direção a um futuro sempre melhor.

Ambos foram unânimes em admitir a continuidade da história fundada na regularidade que estabelece relação entre o passado e o presente permitindo projetar o futuro. A superação dos estágios evidenciaria a superioridade dos estágios posteriores em relação aos anteriores. Assegurando assim, um futuro melhor do que o passado. Essa lei do progresso definiria também a direção e o sentido da história: o aperfeiçoamento progressivo da razão humana através do acúmulo dos conhecimentos humanos que formaria a dinâmica da história. A idéia de uma progressão da razão humana estabelece uma noção polarizada de inferioridade e superioridade entre as épocas ou estágios.<sup>2</sup>

O esquema evolucionista de Morgan é mais elaborado e abarcou um conjunto de instituições que se desenvolveram em três grandes períodos étnicos – do estado selvagem à civilização através da acumulação do saber empírico.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> CONDORCET Jean. *Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

<sup>2</sup> MORGAN Lewis. *A Sociedade primitiva. Vol 1*. Coleção Síntese – Lisboa: Editorial Presença, s/d; do mesmo autor, *A sociedade primitiva. Vol. II*. Lisboa: Presença/Martins Fontes, s/d.

<sup>3</sup> MORGAN L., op. cit., vol. I, p. 13.

Um saber empírico – que conduziria a um progresso que, embora Condorcet considerasse o homem indefinidamente perfectível, resultante da somatória das experiências, alcançaria o estágio mais avançado da evolução.<sup>4</sup>

Ao escrever entre os anos de 1793 e 1794, Condorcet anunciou a centralidade da constituição da família como indicador da “*evolução do espírito humano*”. Idéia compartilhada por Morgan, e mais tarde, Engels elegendo a família monogâmica como *ícone* da civilização.

*Uma sociedade familiar parece natural ao homem, formada em primeiro lugar pela necessidade que as crianças têm de seus pais, pela ternura das mães, e até mesmo dos pais, para com suas crianças; a duração destas necessidades pôde proporcionar o tempo para que nascesse e se desenvolvesse um sentimento que inspirava o desejo de perpetuar essa reunião. Esta própria duração bastou para fazer sentir suas vantagens. Uma família situada em um solo que oferecia uma subsistência fácil pôde em seguida multiplicar-se e tornar-se um povoado.*<sup>5</sup>

Lewis Morgan dedicou parte significativa de seu trabalho demonstrando as diferentes e sucessivas configurações de família que deram origem aos grandes sistemas de consangüinidade e afinidade que, segundo o autor, exemplificavam a *evolução* da família consangüínea à família monogâmica.<sup>6</sup> Considerando que a primeira forma de família representava o mais baixo nível na escala da evolução, reconhecendo a Família Monogâmica como a forma superior de organização. Assim, deixa antever a idéia de que uma etapa supera e substitui a anterior reafirmando sua cren-

---

<sup>4</sup> CONDORCET J., op. cit., p. 176-177.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 29.

<sup>6</sup> MORGAN L., op. cit., vol. I, p. 13. Das fragilidades deste texto do Morgan, a que mais se destaca é a que se refere à constituição da família e ao Sistema de Parentesco. Para maiores detalhes ver: HARRIS, Marvin. “El desarrollo de la teoria antropologica”. *Historia de las teorias de la cultura*. México: Siglo Ventuino Editores, s/d. p. 157-188.

ça no papel desempenhado pela natureza. Evidenciando um processo de evolução em que o aperfeiçoamento da humanidade seguiria, necessariamente, pois que natural, em direção a um mundo superior, evoluído.<sup>7</sup>

Nas análises que Engels<sup>8</sup> realizou juntamente com Marx, este recuperou alguns elementos tratados por Bachofen em: *O Direito Materno* de 1861. Embora destacasse este livro como representante do marco do estudo da história da família, foi com o trabalho de Morgan que ele dialogou.

Embora postulasse a existência de uma organização anterior em classes divididas segundo o sexo e não sobre o parentesco como sendo anterior à organização por gens, Morgan deduziu que a constatação de sua existência nas tribos selvagens da Austrália permitiria supor que a primeira foi universal em todos os grupos que depois conheceram a organização gentílica. Esta organização é identificada pelo autor como uma forma inferior e primitiva de “*evolução*”

*O nível de desenvolvimento dos australianos é inferior ao dos polinésios e bastante inferior ao dos aborígenes da América. É igualmente inferior ao dos negros de África, aproximando-se do mais baixo nível da escala. Por conseguinte, as suas instituições sociais, mais do que as de qualquer outro povo existente, devem aproximar-se do tipo primitivo de instituições.*<sup>9</sup>

Na terceira parte do livro 2, *O Desenvolvimento da Idéia de Família*, Morgan criticou a naturalização da idéia de que a família monogâmica sempre existiu e antecedeu às outras formas de organização familiar. Morgan destacou do texto bíblico os costumes matrimoniais dos hebreus para referendar a sua hipótese da organização gentílica:

---

<sup>7</sup> MORGAN L. op. cit., vol. II, p. 121.

<sup>8</sup> ENGELS Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. São Paulo: Global, 1984, p. 38.

<sup>9</sup> MORGAN L., op. cit., vol. I, p. 65.

*Abraão, por intermédio do seu servo, comprou Rebeca para esposa de seu filho dando ricos presentes ao irmão e a mãe da noiva, mas não ao pai. Neste caso, os presentes cabiam aos parentes gentílicos, admitindo a existência de gens regidas pela filiação matrilinear. Abraão casou-se com Sara, sua meia-irmã, e diz: Pois é verdade que ela é minha irmã, filha de meu pai, mas não é filha de minha mãe e eu a recebi por mulher(grifos nossos).<sup>10</sup>*

Morgan seguiu descrevendo quais seriam as convenções que explicariam o casamento descrito acima e também outros encontrados no texto bíblico, supondo estar fundamentados na organização gentílica<sup>11</sup> por filiação matrilinear. Considerava imprescindível a compreensão do sistema gentílico. Para ele, nenhuma outra instituição humana teve uma influência tão antiga e tão notável sobre o curso do progresso da humanidade.<sup>12</sup>

### **1.1 A família consangüínea**

Caracterizada pelo casamento entre irmãos e irmãs, carnis e colaterais, no seio de um grupo foi considerada por Morgan como a primeira e mais antiga forma da instituição familiar. No entanto, Morgan jamais encontrou provas diretas da existência desta forma de organização familiar, e suas deduções derivam das análises das relações sociais vividas pelos habitantes das ilhas Sandwich, em 1820 que foram descritas pelos missionários americanos.

---

<sup>10</sup> MORGAN L., op. cit., vol. II, p. 105.

<sup>11</sup> A gens era uma grande família composta de pessoas aparentadas que observavam os mesmos ritos religiosos, possuíam um cemitério comum e, na generalidade dos casos, terras comuns. O sistema gentílico implicava a interdição do casamento entre os membros de uma gens. Mas a passagem da filiação para a linha masculina, a generalização da monogamia e dos direitos de herança dos filhos e, conseqüentemente, a existência de herdeiras, progressivamente preparou o caminho para o casamento livre, desligado da gens, mas marcado por uma proibição limitada a certos graus de parentesco consangüíneo próximo (Ibidem, p. 89).

<sup>12</sup> Ibidem, p. 118.

Para Morgan, que compartilhava mesmo olhar, a reação dos missionários americanos retrataria o profundo *abismo que separa o homem civilizado do homem selvagem. O elevado sentido moral e a sensibilidade refinada que são fruto dos séculos enfrentavam o débil sentido moral e a rude sensibilidade do homem selvagem das idades remotas.*<sup>13</sup>

Encontramos em outras passagens do texto afirmações que estabelecem valoração para a atitude do *selvagem* caracterizada pela promiscuidade merecendo destaque alguns excertos:

*Este estádio representa o nível mais baixo do estado selvagem que é possível conceber, e constitui o primeiro grau da escala social. Nesta fase, os homens dificilmente se distinguem dos mudos animais que os rodeavam. Não conheciam o casamento e provavelmente viviam em hordas; eram não só selvagens, mas selvagens dotados de uma inteligência rudimentar e de um sentido moral mais rudimentar ainda.*<sup>14</sup>

*Corroborando este ponto de vista, a diminuição do volume do crânio e o desenvolvimento das características animais, que se acentuam à medida que retrocedemos do homem civilizado ao homem selvagem, provam que o homem primitivo era necessariamente um ser inferior.*<sup>15</sup>

Corroborando Morgan, Engels referiu-se à família consanguínea: *“Aquele estado social primitivo, admitindo-se que tenha realmente existido, pertence a uma época tão remota que não podemos esperar encontrar provas diretas da sua existência, nem mesmo entre os fósseis sociais, nos selvagens mais atrasados.”*<sup>16</sup> Relacionando o comportamento dos *selvagens* com outros animais considerou a *promiscuidade sexual completa* como sendo própria das espécies mais inferiores. *Mas, se nos limitarmos aos mamíferos, neles encontramos todas as formas de vida se-*

---

<sup>13</sup> MORGAN, L., op. cit., Vol. II, p. 154.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 243.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 244.

<sup>16</sup> ENGELS F., op. cit., p. 66.

*xual: a promiscuidade, a união por grupos, a poligamia, a monogamia; só falta a poliandria, à qual apenas os seres humanos podiam chegar.*<sup>17</sup>

Ainda tendo como referência as sociedades animais (não humanos), Engels encontrava no vertebrado superior apenas duas formas de família: a poligâmica e a monogâmica. Em ambos os casos, só se admitem *um* macho adulto, *um* marido. Engels delegou ao ciúme do macho a inviabilidade da poliandria entre estes animais. Assim sendo, numa escala evolutiva, os homens e mulheres que praticavam o matrimônio por grupos ocupariam uma posição inferior aos não humanos. Tomando novamente a natureza como referência, este autor reafirmava a hipótese de Morgan de que o egoísmo masculino (ciúme) surgiria num estágio posterior, mais evoluído, e seria evidenciado nas outras formas de organização familiar mais adiante.

*O matrimônio por grupos, a forma de casamento em que grupos inteiros de homens e grupos inteiros de mulheres se pertencem mutuamente, deixando bem pouca margem para os ciúmes. Além disto, numa fase posterior de desenvolvimento, encontramos a poliandria, forma excepcional, que exclui, em medida ainda maior, os ciúmes, e que, por isso, é desconhecida entre os animais.*<sup>18</sup>

Em outros momentos do texto, ambos se referiram às paixões como elementos denotativos de estágios de superioridade. Aqui parece evidente o argumento de que o ciúme (do homem) se constituiu como uma aquisição da civilização, sendo que a sua suposta ausência nos matrimônios por grupos – especificamente na poliandria – designa a este grupo status inferior ao dos animais.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> ENGELS, F., op. cit., p. 67.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 70.

<sup>19</sup> Consideramos pertinente a crítica que Malinowski ao que denomina de “mito do casamento grupal” e avalia a repercussão deste pensamento que considerou uma adesão ao dogma dos direitos individuais e responsabilidades entre os selvagens como pré-requisitos, ou antecedentes do pressuposto de que o indivíduo é completamente dominado pelo grupo. MALINOWSKI, B. *Crime e costume na sociedade selvagem*. São Paulo: Editora da UNB e Imprensa Oficial de São Paulo, 2003.

## 1.2 A família punaluana

Morgan circunscreveu a existência deste tipo de organização na Europa, na Ásia e na América no período pré-histórico, e na Polinésia ainda durante o século XIX. Para este autor, a família punaluana sucedeu à família consangüínea e, coerentemente à idéia de progresso que norteia o texto, se sobrepõe à primeira forma. *“Esta transição produziu-se pela interdição progressiva do casamento entre irmãos e irmãs carnais, cujos inconvenientes não podiam escapar indefinidamente à observação dos homens”*.<sup>20</sup>

Ainda sem referência empírica para suas interpretações, o autor compreende esta passagem da primeira à segunda forma de organização como resultante de um processo natural de evolução decorrente de um aperfeiçoamento das qualidades mentais e morais da espécie humana. Idéias contidas em alguns fragmentos:

*Notaremos que este sistema de intercasamento se aproxima muito da promiscuidade, pois só se distingue dela por uma prática que lhe é acrescentada. Todavia, como é objeto de uma regulamentação orgânica, está muito afastado da promiscuidade generalizada.*<sup>21</sup>

Segundo Morgan, a passagem da família consangüínea para a família punaluana seria uma ilustração de como atua o princípio da seleção natural. Engels partilha tal afirmativa, pois considerava que *nas tribos onde este progresso limitou a reprodução consangüínea, deve ter havido um progresso mais rápido e mais completo que naquelas onde o matrimônio entre irmãos e irmãs continuou a ser uma regra e uma obrigação*.<sup>22</sup>

Embora Engels criticasse a generalização que Morgan estabeleceu para a família punaluana – na tentativa de explicação completa do sistema de parentesco vigente entre os índios americanos –, ele considerou que o modelo criado por Morgan

---

<sup>20</sup> MORGAN L., op. cit., vol. II, p. 165.

<sup>21</sup> Idem, op. cit., vol. I, p. 69.

<sup>22</sup> ENGELS F., op. cit., p. 74.

exemplificaria de forma satisfatória a transição do matrimônio por grupos mais clássica e simplificada para uma forma superior de organização.

Mesmo já tendo evidências da noção de progresso que interpela o texto de Engels, consideramos pertinente recortar outro fragmento em que explicita os conceitos polarizados de inferioridade e superioridade.

*O matrimônio por classes inteiras, tal como existe na Austrália, é, em todo o caso, uma forma muito atrasada e muito primitiva do matrimônio por grupos, ao passo que a família punaluana constitui, pelo que nos é dada conhecer, o seu grau superior de desenvolvimento. O primeiro parece ser a forma correspondente ao estado social dos selvagens nômades; a segunda já pressupõe o estabelecimento fixo de comunidades comunistas e conduz diretamente ao grau imediatamente superior de desenvolvimento. Entre essas duas formas de matrimônio, encontraremos ainda, sem dúvida, graus intermédios; este é um terreno para pesquisas que apenas foi descoberto, e no qual somente se deram os primeiros passos.<sup>23</sup>*

### 1.3 Família Sindiásmica

Morgan identificou este tipo de organização entre os índios da América. Segundo o autor, eles viviam na fase inferior da barbárie.

*Haviam desaparecido já os grandes grupos matrimoniais que devem ter existido durante o período precedente, substituído por casais formando famílias definidas, embora só parcialmente individualizadas. Facilmente se reconhece nesta forma da família o germe da família monogâmica: no entanto era-lhe inferior em vários aspectos essenciais.<sup>24</sup>*

---

<sup>23</sup> ENGELS, F., op. cit., p. 82.

<sup>24</sup> MORGAN L., op. cit., vol. II, p. 195.

Uma distinção significativa da família sindiásmica para a família monogâmica era o fato de os esposos não coabitarem sozinhos. Neste tipo de organização familiar, diversas famílias – que edificavam-se na união de um só casal – habitavam na mesma casa constituindo uma comunidade e praticando um modo de vida comunista. Morgan encontrou na organização do casamento indícios de diferenciação das sociedades civilizadas. O primeiro se refere a um argumento já demonstrado de que os sentimentos de afetividade são aquisições de um período superior de desenvolvimento chamado civilização;

*A escolha da mulher não assentava, como nas sociedades civilizadas, numa atração afetiva, pois a paixão amorosa, ainda desconhecida, implica um nível de desenvolvimento superior ao que se tinha alcançado. O casamento não se fundava portanto nos sentimentos, mas na comodidade e na necessidade.*<sup>25</sup>

*Os povos bárbaros não conheciam o amor. Não poderiam experimentar sentimentos que são fruto da civilização e da subtileza que a acompanha. Pelo que se deduz dos seus costumes matrimoniais, em geral os gregos não conheceram este sentimento, embora houvesse, naturalmente, numerosas exceções. Para os gregos, todo o valor de uma mulher se media pelas suas capacidades físicas.*<sup>26</sup>

O segundo se refere à desigualdade das relações entre homens e mulheres no estabelecimento da monogamia.

*Há uma outra característica desta forma de casamento que indica que os aborígenes americanos na fase inferior da barbárie não tinham atingido ainda o nível de desenvolvimento moral que a família monogâmica pressupõe. Entre os iroqueses, que eram bárbaros de elevado nível mental, bem como em certas outras tribos índias igualmente desenvolvidas, exigia-se a fidelidade da mulher, sob pena de severas sanções que o marido tinha o direito de lhe infligir. Mas este não se submetia à mesma obrigação. Ora, trata-se de uma obrigação que*

---

<sup>25</sup> ENGELS, F., op. cit., p. 196.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 219.

*não pode ser imposta indefinidamente a um dos cônjuges sem que o outro a respeite igualmente. Além disso, a poligamia era um direito universalmente reconhecido aos homens, se bem que na prática raramente fosse invocado, pois era-lhes difícil manter várias famílias.*<sup>27</sup>

Essa preocupação de Morgan, avançada para seu tempo, respaldava-se na crença da busca da perfeição, que para este autor, incluiria a igualdade entre os sexos. Inquietação já pressagiada por Condorcet, que embora este não faça menção explícita à desigualdade entre os sexos, deposita esperanças num futuro que conduza aos progressos da igualdade em um mesmo povo.

Segundo Morgan, foram os progressos registrados pela sociedade, sob a organização gentílica que abriram caminho à família sindiásmica. *Evolução* decorrente principalmente de combinações biológicas. A idéia de um aperfeiçoamento genético foi mais uma vez partilhada por Engels que inferiu sua existência na organização gentílica do efeito da *seleção natural* em que as *tribos que haviam adotado o regime das gens eram chamadas, pois, a predominar sobre as mais atrasadas, ou arrastá-las com o seu exemplo.*<sup>28</sup>

Morgan considerou que o aparecimento de famílias constituídas por casais foi acompanhado por um aperfeiçoamento nas técnicas da economia alimentar e nos meios relativos à proteção da vida. Um desenvolvimento que seria alcançado inexoravelmente, pois a crença no sentido do progresso colocava em um dos pólos opostos um modo de organização primitivo que percorrida todas as etapas de desenvolvimento alcançaria a perfeição. *O imenso progresso social que foi a passagem do estado selvagem à fase inferior da barbárie trouxe consigo um progresso correspondente da condição da família, cujo desenvolvimento sempre se orientou no sentido da família monogâmica.*<sup>29</sup>

Engels compartilhava dessa premissa da progressão natural da família:

---

<sup>27</sup> ENGELS, F., op. cit., p. 197.

<sup>28</sup> Ibidem, p. 83.

<sup>29</sup> MORGAN L., op. cit., vol. II, p. 203.

*Na família sindiásmica lá o grupo havia ficado reduzido à sua última unidade, à sua molécula biatômica: um homem e uma mulher. A seleção natural realizara a sua obra, reduzindo cada vez mais a comunidade dos matrimônios; nada mais havia a fazer nesse sentido. Portanto, se não tivessem entrado em jogo novas forças impulsoras da ordem social, não teria havido qualquer razão para que da família sindiásmica surgisse outra forma de família. Mas tais forças impulsoras entraram em jogo.<sup>30</sup>*

#### 1.4 Família Patriarcal

Morgan e Engels foram unânimes em afirmar a pouca importância da família patriarcal para a compreensão do progresso da idéia de família. Nas palavras de Morgan: *Não será necessário considerar a família patriarcal fundada na poligamia, dada a sua extensão limitada e a pequena influência que exerceu sobre o desenrolar dos acontecimentos humanos.<sup>31</sup>*

Característica de transitoriedade que reafirmada por Engels: *O primeiro efeito do poder exclusivo dos homens, desde que se instaurou, observamo-lo na forma intermediária da família patriarcal, que surgiu naquela ocasião.<sup>32</sup>*

No entanto, acreditamos ser pertinente iniciar conceituando o que estes autores consideram como família patriarcal.<sup>33</sup> Recordando a questão da autoridade paterna, Morgan diz de sua impossibilidade e irrealização nas famílias consangüínea e punaluaana.

<sup>30</sup> ENGELS F., op. cit., p. 91.

<sup>31</sup> MORGAN L., op. cit., vol. II, p. 137.

<sup>32</sup> ENGELS F., op. cit., p. 95.

<sup>33</sup> Esta forma de família pertence ao período recente da barbárie e perdurou algum tempo depois do início da civilização. Os chefes, pelo menos, eram polígamos, mas não é esta a característica mais importante da instituição patriarcal. O fato essencial era a sujeição ao pai de um certo número de indivíduos, pessoas livres ou servos, organizados como família com vista à exploração das terras e à criação de rebanhos. Tanto os servos como os escravos viviam unidos pelos laços do casamento e formavam uma família cujo chefe era o patriarca. A autoridade que este exercia sobre os membros e os bens da família constituíam neste caso o elemento essencial. O fato de um certo número de pessoas se encontrarem unidas por laços de dependência e servidão anteriormente desconhecidos conferia à família patriarcal,

Seu surgimento na família sindiásmica – a partir da certeza da paternidade – e sua perene sobrevivência enquanto o modelo de família monogâmica se expandiu. No texto, não deixa antever se reconheceu ou compreendeu a instauração da autoridade paterna como atributo de progresso, ao contrário, teceu considerações sobre excessos desta autoridade. No entanto, o autor não desconhece o destaque que este tipo de organização recebeu, sendo por vezes apresentada como um dos sistemas mais antigos de organização familiar.<sup>34</sup>

Engels corrobora a afirmação de Morgan sobre essa suposta prevalência da família patriarcal a partir das referências bíblicas.<sup>35</sup> Morgan discutindo o sentido que o termo família<sup>36</sup> adquiria nas tribos latinas, onde teve origem, enfatiza a autoridade paterna.

*Esta autoridade, a principio fraca e flutuante, foi crescendo constantemente à medida que a família assumia um caractere mais acentuadamente monogâmico, que se desenvolvia paralelamente ao progresso irreversível da sociedade. A autoridade paterna encontrou o seu fundamento e estabeleceu-se automaticamente com a apropriação massiva dos bens e a vontade de os transmitir aos filhos, que transformou a filiação matrilinear em filiação patrilinear.<sup>37</sup>*

---

bem mais que a poligamia, os atributos de uma instituição original. O vasto movimento da sociedade semítica que produziu este tipo de família tinha por fim instaurar o poder do pai sobre o grupo e, ao fazê-lo, conferir aos membros desse grupo uma individualidade maior. MORGAN L., op. cit., vol. II, p. 208-209.

<sup>34</sup> É verdade que a família patriarcal é a mais antiga forma de família que nos é dado a conhecer quando nos reportamos às obras clássicas dos autores semitas. Mas se limitarmos a essas fontes a nossa pesquisa, não poderemos recuar além da fase superior da barbárie, escapando assim à investigação pelo menos quatro períodos étnicos completos bem como as relações entre eles. No entanto, é de toda a justiça admitir que os fatos que esclarecem a condição primitiva da sociedade só recentemente foram conhecidos e que o investigador judicioso tem que usar da maior prudência antes de substituir as antigas doutrinas por idéias novas. Ibidem, p. 252.

<sup>35</sup> ENGELS F., op. cit., p. 38.

<sup>36</sup> Este termo foi introduzido na sociedade latina para designar um novo corpo social cujo chefe mantinha sob a sua autoridade paterna a esposa, os filhos e um conjunto servos. MORGAN L., op. cit., vol. II, p. 213.

<sup>37</sup> MORGAN L., op. cit., vol. II, p. 213.

Morgan considera que a passagem da filiação matrilinear à filiação patrilinear foi prejudicial à condição e direitos da mulher e da mãe. *Os filhos foram transferidos da gens da mãe para a gens do pai, e a mãe perdeu com o casamento os seus direitos agnáticos sem obter outros equivalentes.*<sup>38</sup>

Engels é menos cauteloso ao tratar das questões da família patriarcal. Atrelando seu surgimento ao que considerou “o desmoroamento do direito materno”, este autor identifica aqui a causa da desigualdade entre os sexos e a subordinação das mulheres. *“Esta forma de família assinala a passagem do matrimônio síndiásmico à monogamia. Para assegurar a fidelidade da mulher e, por conseguinte, a paternidade dos filhos, aquela é entregue, sem reservas, ao poder do homem: quando este a mata, não faz mais do que exercer o seu direito”.*<sup>39</sup>

Ao analisar, no texto de Morgan, o processo em que foram abolidos a filiação feminina e o direito hereditário materno, sendo substituídos pela filiação masculina e o direito hereditário paterno, encontramos na nota escrita por Marx, e identificada assim no texto por Engels, indícios para dizer que a passagem da família síndiásmica ao que chamou de patriarcado lhe pareceu decorrente de um processo natural. *Resultou daí uma espantosa confusão, que só podia ser remediada — e parcialmente o foi — com a passagem ao patriarcado. Esta parece ser a transição mais natural.*<sup>40</sup>

No entanto, ambos autores foram cuidadosos em ressaltar que essas experiências se limitaram a algumas regiões. *Atingindo proporções excepcionais, principalmente na família romana onde se exercia de maneira excessiva, esse poder paterno, longe de ser universal manifestou-se essencialmente entre os povos que mencionamos.*<sup>41</sup>

<sup>38</sup> Aqui caberiam considerações sobre as fragilidades dos autores em lidar com a questão do sistema de parentesco e consangüinidade, mas que novamente fugiram da temática principal. MORGAN L., op. cit., vol. II, p. 217.

<sup>39</sup> ENGELS F., op. cit., p. 96.

<sup>40</sup> Ibidem, p. 94.

<sup>41</sup> MORGAN L., op. cit., vol. II, p. 213.

### 1.5 A Família Monogâmica

Morgan considerou que a idéia de família monogâmica tomada como a primeira forma de organização familiar, antecedendo a gens é equivocada uma vez que a gens entrava integralmente na fratria, a fratria na tribo e a tribo na nação. Mas a família não podia ser incluída integralmente na gens, na medida em que marido e esposa pertenciam a gens diferentes. *Decorreram séculos, viveram-se vários períodos étnicos, entre o momento em que a gens se formou e aquele em que apareceu a família monogâmica. Só depois do início da civilização esta se constituiu definitivamente.*<sup>42</sup>

A monogamia só aparece numa forma definida durante o período recente da barbárie. Morgan reconheceu a família grega dos tempos homéricos como monogâmica, mas a classificou como sendo de tipo inferior. A inferioridade é representada pela desigualdade entre homens e mulheres.

*Se os gregos e romanos tivessem aprendido a respeitar as regras eqüitativas da monogamia em lugar de encerrar as suas esposas nos gineceus ou de as manter sob a sua autoridade, a sociedade de então teria apresentado provavelmente um aspecto muito diverso. Dado que nenhum destes dois povos tinha atingido um grau superior de moralidade, não há motivos para deplorar a decadência dos costumes. Tudo isto se explica pelo fato de não conhecerem o verdadeiro principio da monogamia, o único capaz de dar à sociedade um fundamento moral.*<sup>43</sup>

Para Engels, a monogamia realizou-se essencialmente graças às mulheres. No entanto, este se configura como um trecho confuso no qual o autor não explicitou como se daria esse processo uma vez que a dominação masculina já havia cumprido seu papel com a supressão do “direito materno”. No entanto, percebemos que esta afirmação é um legado da teoria de Morgan.

---

<sup>42</sup> MORGAN, L., op. cit., Vol. II, p. 213.

<sup>43</sup> Ibidem, p. 222-223.

*Quanto mais as antigas relações sexuais perdiam o seu caráter inocente primitivo e selvático, por força do desenvolvimento das condições econômicas e, paralelamente, por força da decomposição do antigo comunismo, e da densidade cada vez maior da população, tanto mais envilecedoras e opressivas devem ter parecido essas relações para as mulheres, que com maior força deviam ansiar pelo direito à castidade como libertação, pelo direito ao matrimônio, temporário ou definitivo, com um só homem. Esse progresso não podia ser devido ao homem, pela simples razão, que dispensa outras, de que jamais, ainda na nossa época, lhe passou pela cabeça a idéia de renunciar aos prazeres de um verdadeiro matrimônio por grupos. Só depois de efetuada pela mulher a passagem ao casamento sindiásmico, é que foi possível aos homens introduzirem a estrita monogamia — na verdade, somente para as mulheres.<sup>44</sup>*

O que em Morgan prenuncia como elemento de desigualdade capaz de empecilho para o progresso, em Engels não parece merecer atenção. Ao elencar a solidez dos laços conjugais, que já não poderiam ser rompidos por vontade de qualquer das partes como uma possível distinção entre o matrimônio sindiásmico — que poderia ser rompido por qualquer um dos parceiros — e a monogamia em que somente ao homem é dado este direito. Numa solidez aparente garantida pela subjugação da mulher e que reafirma a assimetria entre os sexos identificada por Morgan como um estorvo para atingir a *evolução*. O silêncio de Engels diverge de Morgan — que se posiciona contrário ao tratamento diferenciado entre os sexos. Posicionamento diferenciado de Engels também no que se refere à questão da exclusividade de parceiros, pressuposto da monogamia, sem tecer considerações ou posicionamentos.

*Ao homem se concede igualmente o direito à infidelidade conjugal, sancionado ao menos pelo costume (o Código Napoleônico outorga-o expressamente, desde que ele não traga a concubina ao domicílio conjugal), e esse direito exerce-se cada vez mais amplamente, à medida que se processa a evolução da sociedade. Quando a mulher,*

<sup>44</sup> ENGELS, F., op. cit., p. 90-91.

*por acaso, recorda as antigas práticas sexuais e intenta renová-las, é castigada mais rigorosamente do que em qualquer época anterior.*<sup>45</sup>

Engels se restringiu ao estabelecimento de uma causalidade que explicasse esta assimetria.

*A existência da escravidão junto à monogamia, a presença de jovens e belas cativas que pertencem, de corpo e alma, ao homem, é o que imprime desde a origem um caráter específico à monogamia — que é monogamia só para a mulher, e não para o homem. E, na atualidade, conserva-se esse caráter.*<sup>46</sup>

Segundo Morgan, a família monogâmica, tal como aparece no início do período histórico, derivaria de uma família sindiásmica anterior, de tipo inferior, progredindo sensivelmente durante o período clássico, seguiu seu curso aperfeiçoando-se à medida que a humanidade progrediu. Para o autor, a família monogâmica atingiu a sua forma mais pura na modernidade.<sup>47</sup> No entanto, Morgan negou ao leitor as evidências do que considerava como essa forma pura da monogamia.

Embora identificasse a família monogâmica como o modelo superior de organização, Morgan não considerou que este fosse o último e definitivo estágio de desenvolvimento da humanidade. O que é coerente com a noção de constante evolução que acompanhava seu texto.

*E uma vez que a família monogâmica se aperfeiçoou extraordinariamente desde o início da civilização e progrediu sensivelmente nos tempos modernos, é de supor, pelo menos, que seja susceptível de se aperfeiçoar ainda mais, até que se atinja a igualdade dos sexos. Se, num futuro distante, a família monogâmica deixar de responder às exigências da sociedade, e se a civilização continuar a evoluir, não será possível prever agora qual a natureza da família que lhe sucederá.*<sup>48</sup>

---

<sup>45</sup> ENGELS, F., op. cit., p. 100.

<sup>46</sup> Ibidem, p. 101.

<sup>47</sup> MORGAN, L., op. cit., vol. II, p. 223.

<sup>48</sup> Ibidem, p. 235.

Dos três estágios que delimitou para estudar — estado selvagem, barbárie e civilização — Morgan descreveu com detalhes os dois primeiros e da transição para o terceiro. A discussão do desenvolvimento da família foi realizada paralelamente ao que considerou aperfeiçoamento dos meios de sobrevivência. Não oferecendo critérios tão conclusivos para a delimitação por períodos. Portanto, Morgan realizou poucas inferências sobre a civilização e projeções para o futuro, postura diferente da adotada por Engels.

*Caminhamos presentemente para uma revolução social, em que as atuais bases econômicas da monogamia vão desaparecer, tão seguramente como vão desaparecer as da prostituição, complemento daquela. A monogamia nasceu da concentração de grandes riquezas nas mesmas mãos — as de um homem — e o desejo de transmitir essas riquezas, por herança, aos filhos desse homem, excluídos os filhos de qualquer outro. Para isso era necessária a monogamia da mulher, mas não a do homem; tanto assim que a monogamia daquela não constituiu o menor empecilho à poligamia, oculta ou descarada, deste. Mas a revolução social iminente, transformando pelo menos a imensa maioria das riquezas duradouras hereditárias — os meios de produção — em propriedade social, reduzirá ao mínimo todas essas preocupações de transmissão por herança.<sup>49</sup>*

Embora atribuísse ao surgimento da monogamia causas econômicas, ligadas à propriedade e herança, Engels não vislumbrava a sua substituição por outra forma de organização, mesmo em decorrência da transformação dos meios de produção. Nas entrelinhas do texto, este autor parece acreditar na Monogamia como etapa superior e perfeita da organização familiar.

*Porque com a transformação dos meios de produção em propriedade social desaparecem o trabalho assalariado, o proletariado, e, conseqüentemente, a necessidade de se prostituírem algumas mulheres, em número estatisticamente calculável. Desaparece a prostituição*

---

<sup>49</sup> ENGELS F. op. cit., p. 115.

*e, em lugar de decair, a monogamia chega enfim a ser uma realidade — também para os homens.*<sup>50</sup>

A evidência da crença na superioridade da família monogâmica parece superar a centralidade da propriedade privada, considerada até aqui o pilar de sustentação da monogamia e da própria desigualdade de sexos. O que sustentaria a monogamia? Ao discutir o casamento monogâmico e estabelecer uma distinção entre a motivação para ambos Engels se enredou nos argumentos que teceu e abriu lacunas sobre a certeza da continuidade da monogamia.

Assumindo a monogamia como a única das formas de família em que se pôde desenvolver o amor sexual moderno, Engels encontrou os limites dessa realização em função do que considerou o matrimônio burguês como relação de conveniência que mantém as características do matrimônio sindiásmico. Neste momento, a propriedade e seu correlato, a herança, são fundamentalmente ditos como um entrave. No desenrolar do texto essas afirmações se tornam inteligíveis, (...) *Nas relações com a mulher, o amor sexual só pode ser, de fato, uma regra entre as classes oprimidas, quer dizer, nos nossos dias, entre o proletariado, estejam ou não oficializadas essas relações.*<sup>51</sup>

Engels afirmou que, ao matrimônio monogâmico do proletário, faltam todos os fundamentos da monogamia clássica. *Os bens de fortuna, para cuja conservação e transmissão por herança foram instituídos, precisamente, a monogamia e o domínio do homem; e, por isso, aqui também, falta todo o motivo para estabelecer a supremacia masculina.*<sup>52</sup> Nesta família monogâmica em que as condições (ou a falta delas) materiais que garantiriam a base de supremacia do homem no lar proletário, não se sustentam, a manutenção da monogamia viria de outro lugar, que o autor não esclarece por meio de quais seriam. Engels deixou uma fresta indicando o mecanismo de violência como uma possível

---

<sup>50</sup> ENGELS, F., op. cit., p. 115.

<sup>51</sup> Ibidem, p. 110.

<sup>52</sup> Ibidem, p. 111.

saída – *excetuando-se, talvez, certa brutalidade no trato com as mulheres, muito arraigada desde o estabelecimento da monogamia.*<sup>53</sup> Consideramos esta uma saída um tanto estreita se pensarmos na idéia que fundamenta o conceito de progresso e principalmente a reiteradas afirmativas de Morgan e Condorcet na igualdade e felicidade como metas a serem atingidas pela humanidade na sua caminhada rumo ao progresso.

*Podemos afirmar, com base nos conhecimentos que nos fornece uma história que remonta a quase três mil anos, que as características da família monogâmica evoluíram progressiva e constantemente. Esta forma de família está destinada a aperfeiçoar-se ainda até que seja admitida a igualdade dos sexos e se reconheçam iguais direitos aos dois cônjuges. Existem igualmente provas da mesma ordem, mas menos evidentes, da melhoria progressiva da família sindiástica que, partindo de um nível inferior, conduziu ao casamento monogâmico. Estes fatos devem estar presentes no espírito do leitor, pois são aqui essenciais.*<sup>54</sup>

Mesmo a contragosto, Engels percebia a possibilidade do fim da família monogâmica:

*Assim, a família do proletário já não é monogâmica no sentido estrito da palavra, nem mesmo com o amor mais apaixonado e a fidelidade mais absoluta dos cônjuges, e apesar de todas as bênçãos espirituais e temporais possíveis. Por isso, o heterismo e o adultério, eternos companheiros da monogamia, desempenham aqui um papel quase nulo; a mulher reconquistou, na prática, o direito de divórcio e os esposos preferem separar-se quando já não se podem entender um com o outro. Resumindo: o matrimônio proletário é monogâmico no sentido etimológico da palavra, mas de modo algum no seu significado histórico.*<sup>55</sup>

---

<sup>53</sup> ENGELS, F., op. cit., p. 111.

<sup>54</sup> MORGAN, L., op. cit., vol. II, p. 128.

<sup>55</sup> ENGELS, F., op. cit., p. 111.

Subtraída dos fundamentos que a constituíram, a monogamia passaria a ser constituída em função de uma suposta evolução natural dos sentimentos em que o amor sexual que – desconhecido pelos povos selvagens – seria naturalmente exclusivista e conduziria tanto a mulher quanto o homem ao casamento monogâmico.<sup>56</sup> Sobre a questão da dissolubilidade do casamento (característica que distingue o casamento monogâmico do sindiásmico) Engels compreendia que somente o matrimônio baseado no amor seria moral, e portanto, a união deveria permanecer pela persistência do amor e o seu rompimento deveria ser um benefício para todos sem a necessidade do processo de divórcio.<sup>57</sup>

Neste sentido, Engels retomou um dos elementos que caracteriza a organização da família sindiásmica sem, no entanto, se referir a ela. Escolha ou esquecimento, *a possibilidade de um retorno ao estágio anterior foi omitida da análise*. As contradições e incertezas referentes ao modo de organização da família monogâmica serviriam como ponto de partida para apontar o solo incerto dessa forma *superior e acabada* de organização social, colocando em suspense a certeza de uma evolução e progresso.

No final do século XVIII, contexto em que Condorcet escreveu, a idéia de progresso como um crescimento e desenvolvimento do gênero humano assumia a condição de uma *verdadeira e própria teoria na qual estavam em jogo: a noção de perfectibilidade do homem e de sua natureza alterável e modificável; a idéia de uma história unitária ou 'universal' do gênero humano*.<sup>58</sup>

Os discursos evolucionistas anunciavam sobre a passagem da 'barbárie' à 'civilização' e, sobretudo, enfatizavam a existência de 'leis' operando no processo histórico. Por fim, a idéia de progresso, entre a metade do século XVIII e a metade do XIX, coincidiu com uma ordem imanente ao devir da história. Uma crença que influenciou, de diferentes maneiras, os pensamentos de Con-

---

<sup>56</sup> ENGELS, F., op. cit., p.122-123.

<sup>57</sup> Ibidem, p. 123.

<sup>58</sup> ROSSI, Paolo. *Naufrágios sem espectador: a idéia de progresso*. São Paulo: Editora da Unesp, 2000, p. 95.

dorcet, Turgot, Saint-Pierre, Comte, Spencer, e, posteriormente, o darwinismo social. Com o darwinismo, o evolucionismo adquiriu coloração religiosa e segundo Paolo Rossi, a *teoria da evolução é levada a coincidir com a do progresso*.<sup>59</sup> Identificamos essa *coincidência* na teoria de Morgan e Engels. Neste sentido, a idéia do progresso transforma-se em uma necessidade natural das civilizações. Despertando, segundo o filósofo, em relação ao *tardio-iluminismo* e ao *positivismo* uma certa *fé* no progresso e a procura da *lei* do progresso.

Contextualizando este estilo de pensamento como próprio dos séculos XVIII e XIX, dos quais Condorcet, Morgan e Engels são herdeiros, Paolo Rossi afirma desconhecer nos teóricos dos séculos XVI e XVII a influência da idéia de progresso. Para ele, nenhum deles jamais considerou que a *libertação do homem pudesse ser confiada à ciência e à técnica enquanto tais*.<sup>60</sup> Mas, figuravam, juntamente com as possibilidades de avanço da técnica e da ciência, o vício e a morte e, simultaneamente, o mal e o remédio. Circunscrevendo os percalços da idéia de progresso, Paolo Rossi afirma desconhecer autores situados entre a época de Bacon e de Newton que defendessem as seguintes teses:

*1. a história é uma unidade regulada por leis que determinam os fenômenos individuais nas suas relações recíprocas e nas suas relações com a totalidade; 2. o progresso configura-se como uma lei histórica; 3. o aumento da capacidade de intervir sobre o mundo e da capacidade de conhecer o mundo é identificado como o progresso moral e político; 4. este é posto numa relação de dependência com aquele aumento; 5. a luta (como ocorre em Spencer e no darwinismo social) é interpretada como elemento constitutivo ou como mola do progresso.*<sup>61</sup>

Paolo Rossi elenca uma série de amplas e seculares discussões que contribuíram para a formação da idéia de progresso.

<sup>59</sup> ROSSI, P., op. cit., p. 95.

<sup>60</sup> Ibidem, p. 98.

<sup>61</sup> Ibidem, p. 114 e 115.

Embora longa, a reprodução das discussões repertoriadas é significativa para destacarmos a centralidade das noções de evolução e origem:

*(...) discussões sobre a origem e formação da Terra, sobre as conexões entre história da natureza e história do homem, sobre a cronologia, sobre a origem da civilização como emersão de uma primeira barbárie. Em nome de uma história da pura filosofia ou de uma não melhor qualificada 'história das teorias', fomos muitas vezes impedidos de perceber os vínculos que ocorrem entre as teorias e as idéias, as convicções que operam no passado. Discussões desse tipo ocupam de fato um lugar totalmente marginal ou não ocupam lugar algum nas várias 'histórias' da idéia de progresso. Nesse complicado terreno confluíram porém as novas filosofias e as obras de direito natural; as reflexões sobre os selvagens, o trabalho dos estudiosos dos mitos e da cronologia, os estudos bíblicos, as heranças do epicurismo e de Lucrecio; as disputas sobre a Antigüidade das línguas; as avaliações das civilizações dos hebreus, dos egípcios, dos americanos e dos chineses; os resultados realmente imponentes da nova erudição e das pesquisas sobre os fósseis e sobre a história da natureza.<sup>62</sup>*

Continuando sua análise, o autor considera que os que compartilharam da generalização destas teses a toda a modernidade *pensaram mal*. Imputaram ao passado e projetaram para o futuro, segundo Rossi, aquela '*comtiana*' *ideologia oitocentista do progresso*<sup>63</sup> que se tornou crença para a média dos intelectuais e das classes dirigentes, entre o declínio do século XIX e o início do século XX. Marx também se encaixaria aqui, embora Paolo Rossi, de certa forma, poupe-o limitando-se a uma crítica discreta ao marxismo do século XX.<sup>64</sup>

Questionando o mito da *unicidade* da modernidade e da idéia de progresso, Paolo Rossi insiste sobre a *complexidade e a am-*

---

<sup>62</sup> ROSSI, P., op. cit., p. 93.

<sup>63</sup> Ibidem, p. 117.

<sup>64</sup> Ibidem, p. 127.

*bivalência dos termos referentes às grandes épocas históricas, sobre a esterilidade dos modelos baseados nas grandes alternativas, sobre a insuficiência e parcialidade do pensar por dicotomias.*<sup>65</sup> Aponta as contradições, os conflitos, à coexistência em uma mesma cultura de coisas distantes entre si, os antagonismos como expressão de uma função vital das idéias. Assim, o autor coloca em cheque a unicidade da crença em um *senso de segurança* que teria existido entre a segunda metade do século XIX e os três primeiros decênios do século XX, abalada, repentinamente, pelas grandes guerras.

Em meio às críticas à idéia de progresso e às condições de vida moderna ou, por outro lado, às crenças no aperfeiçoamento, melhoramento e segurança futura o binômio ciência-técnica aparece e impõe-se como *essência* da modernidade. Seja no sentido da negação e da crítica ou da exaltação, esse binômio tem lugar como o centro dos debates.

Desta esteira, Walter Benjamin foi cúmplice involuntário. Apos-tou nas caldeiras insaciáveis da locomotiva do progresso, tendo em perspectiva as vanguardas artísticas e literárias do início do século XX. Por sua vez, estas vanguardas *apostaram pesado na vitória da racionalidade, do maquinismo, da transformação da sociedade num gigantesco autômato auto-regulado, em que a arte, a técnica e a vida se fundiriam numa unidade revitalizadora.*<sup>66</sup>

No entanto, em 1940, ao escrever suas *Teses sobre o conceito de história* Benjamin demonstra plena consciência do naufrágio em que está inserido. Desespero, desencanto e amargura aflitiva tornam-se sentimentos que o atormentam quando se percebe envolto em uma catástrofe.

A tese de numero nove, encetada por uma epígrafe de Gerhard Scholem – *Saudação do anjo* –, deixa claro a terrificante visão que Benjamin demonstra da história.<sup>67</sup>

---

<sup>65</sup> ROSSI, P., op. cit., p. 118.

<sup>66</sup> SEVCENKO Nicolau. "O enigma pós-moderno" In: OLIVEIRA, R. C. et al. *Pós-modernidade*. 5ª ed., Campinas, S.P.: Edunicamp, 1995, p. 47.

<sup>67</sup> "Há um quadro de Paul Klee intitulado *Angelus Novus*. Ele representa um anjo que

Neste momento, as ilusões do progresso estavam, há tempo, dissipadas. A técnica e a ciência derivadas da razão instrumental mostraram-se, sob a égide da máquina, incapazes de resolver as questões sociais. Por outro lado, revelaram um grande poder e sofisticação destrutivos sem precedentes na história da humanidade. No solo das fábricas ou no *front* o poder genocida da tecnologia moderna surpreendeu, assombrou e levou ao chão os sonhos e as imagens de uma sociedade feliz pintadas em muitas cores e por muitos pincéis no curso dos dois últimos séculos.

A tempestade do progresso varreu o solo das certezas, destruiu a *confiança* nas instituições, na técnica, na ciência e no futuro. Este colapso da *confiança* em si mesmos, nos outros e nas instituições levou a uma total descrença em relação ao futuro. Paradoxalmente a essas desilusões, novos grupos sociais organizaram-se em torno de reivindicações que vão da garantia de direitos sociais a questões ecológicas. Pode-se pensar no “abandono” de questões universais que apontavam para uma ampla mudança política, social e econômica das relações sociais.

Octavio Ianni considera que a idéia de evolução e progresso nunca foi abandonada pelas sociedades formadas com o Mundo Moderno. A noção de progresso – que se mimetizou ‘a noção de evolução - é anterior ao surgimento e consolidação das Ciências Sociais como disciplina. Assim é plausível que esta categoria esteja presente no pensamento social, imbricada nas teorias dos autores anteriormente tratados, ressaltamos assim, a força explicativa desta categoria que se tornou significativa a ponto de

---

parece afastar-se daquilo que está olhando. Seus olhos estão arregalados, sua boca dilatada, suas asas abertas. Assim deve ser o anjo da história. Seu rosto está voltado para o passado. Onde vemos uma cadeia de acontecimentos, ele enxerga uma só e única catástrofe, que amontoa ruínas sobre ruínas, jogando-as a seus pés. Ele gostaria de se deter um pouco, ressuscitar os mortos e reunir os vencidos. Do paraíso, entretanto, sopra uma tempestade que se abate sobre suas asas, imobilizando-as, impedindo-o de fechá-las. Essa tempestade o impele, irresistivelmente para o futuro, para o qual ele tem as costas voltadas, enquanto à sua frente se acumulam ruínas e ruínas, que se elevam até o céu. Essa tempestade é o que denominamos o progresso”: BENJAMIN Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3ª ed. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 226.

“sobreviver” e influenciar teóricos e teorias por quase três séculos. Este autor compartilha com Paolo Rossi a noção de que Modernidade e progresso relacionam-se mutuamente, e o avanço e o crescimento ocorrido nas cidades articulam-se, segundo aquele, no final do século XVIII em uma verdadeira “*doutrina ou teoria do progresso*”<sup>68</sup> sendo Condorcet um de seus expoentes clássicos. O progresso constituiu-se em um dos lemas fundamentais da modernidade, uma vez que *a idéia de progresso identifica-se com a da sociedade urbano industrial, burguesa, capitalista. Sociedade essa vista como uma forma superior, aperfeiçoada da história social.*<sup>69</sup> No entanto, reconhecendo que esses lemas não tomados de modo uniforme em todos os lugares, mas ao contrário são envolvidos por dilemas, enigmas e antinomias, assim, Ianni os considera como parte de um constante encantamento e desencantamento do mundo.<sup>70</sup>

Otávio Ianni corrobora Paolo Rossi na compreensão de que o conceito de progresso não atravessou os séculos incólume. Juntamente com esta noção e com a simultânea transformação da ciência aparecem as concepções de catástrofe e de esperança, advindas das reviravoltas e transformações pelas quais passava a Europa. Progresso, catástrofe e esperança povoam o imaginário dos pensadores do século XVII. *O tema pessimista da decadência na natureza e do envelhecimento do mundo desenvolve-se – cumpre não esquecer – simultaneamente ao tema do progresso.*<sup>71</sup>

A idéia de catástrofe envolvia o mundo histórico e natural. A consciência do desaparecimento dos grandes impérios, assim como as transformações ocorridas na Terra e o conhecimento da superfície da Lua proporcionado pelo telescópio, por exemplo, criaram a imagem de uma grande ruína e a sensação de que o

---

<sup>68</sup> ROSSI, Paolo., op. cit., p. 114.

<sup>69</sup> IANNI Octavio. A sociologia e o mundo moderno. *Tempo Social Revista de Sociologia*, São Paulo: USP, 1 (1), 1989, p. 16.

<sup>70</sup> IANNI Octavio, *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 264.

<sup>71</sup> ROSSI P., op. cit., p. 54.

mundo estava imerso em seus próprios escombros. Simultaneamente, estas imagens cedem lugar à esperança, ao novo e possibilitam a consciência de se poder aprender com os erros do passado, pois tais erros podem iluminar o futuro.

Assim, do conhecimento do passado e do diagnóstico negativo do presente emergem, segundo o filósofo, (...) *possibilidades de resgate, de um saber em crise poderá nascer uma 'ciência universal capaz de elevar nossa natureza ao grau máximo de perfeição.*<sup>72</sup> O apelo ao futuro é um motivo central na filosofia do século XVII. Com ele surge, também, a querela entre o antigo e moderno. O passado aparece como trevas e o presente como luzes.

---

<sup>72</sup> ROSSI, P., op. cit., p. 62.

